

RIO BRANCO

Nosso avião, partindo de Manaus, rumo para sudoeste, no eixo do Purus, e vai descer em Canutana, Lábrea e Boca do Acre, cidadezinhas de beira rio que a linha da Panair veio animar de vida nova. Em Lábrea saltamos do Catalina para uma canôa e temos tempo de correr a cidade, com sua torre de madeira colorida que já foi farol, o coreto alegre, as moradias baixas, os botiquins, e essa igreja simpática mas cheia de preocupações temporais — pois tem folhinha na entrada e relógio ao lado do altar. Faz calor, mas no alto do barranco, debaixo dos cajús, há uma brisa fresca diante do rio.

Em Rio Branco já não descemos n'água: o campo é razoável e temos um aeroporto bastante simpático cuja decoração, por dentro, é de capas de revistas e anúncios de ilustrações a cores cobrindo toda a parede. Acho a idéia estranha, mas me dizem que é inspiração de seringueiro: de fato iremos ver, no fundo de um seringal, na "varanda" das casinhas de paxéuba, uma parede sempre alegrada por esses recortes coloridos que o caboclo prega.

Há uma estrada de rodagem para a cidade, mas o governador Amílcar Dutra de Menezes preferiu nos levar em lancha. Ele nos apresenta o número que acaba de sair de "O Acreano": a primeira página está com o espaço em branco, para receber a colaboração dos jornalistas visitantes, cujos nomes ali aparecem. Uma nota assinada pelo antigo diretor do DIP diz que ninguém poderá falar melhor de "independência jornalística" do que ele. Naturalmente no sentido de que ninguém poderá dizer melhor do que ele quais os jornalistas que, nos tempos de censura do Estado Novo, souberam resistir. Ele se declara "o grande penitente" e, em rápido discurso, pede que os visitantes não poupem críticas nem sugestões.

O que, digamos, não será fácil fazer para quem passou cinco dias no Território, tomando conhecimento apressado de suas tristezas e suas esperanças. Chegamos, por coincidência, no dia em que se comemora o 49.º aniversário da revolução de Plácido de Castro que haveria de conduzir ao Tratado de Petrópolis que incorporou o Território ao Brasil. E aqui, neste meridiano tão ocidental, é comovente assistir ao desfile da Guarda e dos escolares. A cerimônia é aberta com o Hino Acreano e fechada com o Nacional. Depois a banda de música ataca seus dobrados, mas volta e meia toca a sua música predileta... o "Cisne Branco", da Marinha. Essa pequena banda de música haverá de nos acompanhar por toda parte, dia e noite, desde a lancha no rio até a barraca do seringalista, surgirá dentre árvores num churrasco, tocará sambas num clube da margem direita e noutro da margem esquerda e voltará intermitentemente a ser atacada, a tantos milhares de quilômetros do mar, pela nos-
sua da galéra e dos verdes ma-

Falei em margens: Rio Branco (menos de 10 mil habitantes) é dividida pelo rio Acre, e funciona dos dois lados. De um está o Palácio do Governo com suas colunas gregas e sua palmeira se empinando no pátio interno e com uma perspectiva rara em palácios brasileiros, avançando pela praça, passando o rio, findando no horizonte dos campos longes, na orla da floresta. Do mesmo lado a esplêndida Maternidade, a linda Escola Infantil com sua diretora tão bonita, o Hotel, o Grupo Escolar, Ginásio (mas o Acre ainda não tem cursos científico nem clássico) o Quartel — e de outro lado o comércio, quase todo de gírios e filhos de gírios, "regatões" que subiram a barranca para se estabelecer e constituir hoje a classe preponderante da economia acreana.

As casas são quase sempre de madeiras, graciosas e leves e as ruas principais são calçadas não a paralelepípedos (não há pedra no Acre), mas a tijolos. Só lentamente vão aumentando as construções de alvenária. A maior parte da cidade continua vegetal, na beira de seu rio, no centro de suas matas.

15/8/51

R. B.